

Agostinho da Silva: A Universidade de Brasília como Escola Normal das Universidades

Justino Magalhães¹

Resumo

Nas últimas décadas, a obra do filósofo e pedagogo Agostinho da Silva tem sido objecto de estudos científicos, académicos e de divulgação. Estes estudos têm sido consentâneos à (re)edição e à (re)publicação, sob a forma de antologia, de parte significativa do seu pensamento, muito particularmente do pensamento pedagógico. Educacional, na sua essência, a obra científica e magistral de Agostinho da Silva assenta numa mesma matriz conceptual e é perpassada por um mesmo sentido: o do compromisso com a vida, com a humanidade, com a pessoa.

Na obra de Agostinho da Silva, o humanismo e o universalismo são acentuados pela singularidade na arte de dizer e fazer educação. Neste apontamento, procurarei salientar estes aspectos e farei convergir o olhar para o depoimento que, em 1968, o filósofo proferiu na Câmara Parlamentar, em Brasília. Aí defendeu que a Universidade de Brasília fosse uma Escola Normal de Universidades, recebendo estudantes de todo o Brasil e formando-os para professores das outras universidades.

Palavras-chave: Agostinho da Silva; Pedagogia; Educação; Universidade.

¹ Professor Catedrático na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

Agostinho da Silva, filósofo, pedagogo e professor, legou uma obra diversificada, produzida em distintos contextos mas sempre submetida ao mesmo rigor metodológico e orientada para um mesmo sentido. Tão difícil é circunscrevê-la quanto aos tempos, aos espaços, ao horizonte de expectativa, como estimulante seria convertê-la em projecto. Há nos ensaios de Agostinho da Silva uma polifonia e uma polissemia que, sendo intemporais e assentando numa perspectiva analítica dita e escrita com recurso a uma retórica ousada e criativa, ecoam e ganham significado numa civilização materialmente desenvolvida e numa humanidade culta, justa e aprazível, fértil na realização de tudo o que ao humano concerne.

A humanidade é obra inacabada, como imperfeita e limitada é a fruição da humanidade destinada a cada ser humano. Reconhece Agostinho da Silva que, por longo e sinuoso que tenha sido o percurso, a história das civilizações, incluindo a Ocidental, manchada por guerras e hegemonias da mais diversa natureza, foi a fuga do primitivismo e da barbárie, pelo que aponta num sentido de optimismo e de esperança. Todavia, quando focaliza o seu olhar crítico sobre a contemporaneidade (cujas crises e regressões são constantes) e intenta escrevê-la nessa longa caminhada para o horizonte a que todo o ser humano, quaisquer que sejam as coordenadas espaço-temporais que registam o seu nascimento, tem direito e deve ambicionar, Agostinho da Silva socorre-se duma arguta conscientização irónica e refugia-se numa argumentação do provável.

Vasta, criativa e ousada, a obra de Agostinho da Silva apresenta uma retórica argumentativa, alimentada pela perspicácia e por uma fina ironia. Nela, a inconclusão é substituída pela indiciação e pela projecção. Tal indeterminação equilibra a acutilante determinação do objecto, bem como o rigor da análise, com a arte de provocar, dizer e fazer inferir. Assente numa informação plurifacetada, e de grande amplitude científica, o ensaísmo de Agostinho da Silva é iluminado por um rigoroso tirocínio filosófico. Contudo, é através do educacional que estabelece um compromisso com a vida, a humanidade, a pessoa. É no magistério pela palavra que o ideário de humanismo e de universalismo se reifica em conjunturas e projectos mobilizadores e transformacionais.

Há em Agostinho da Silva uma regressividade utópica, iluminativa, que, mediando entre um mundo outro e o olhar esclarecido e crítico sobre o coetâneo, desafia e mobiliza para a mudança, inquietando e intentando comprometer nesse projecto aqueles que mais podem e mais têm. É sobre as elites intelectuais, científicas e técnicas, a começar pelas Universidades, que Agostinho da Silva faz recair a mais pesada responsabilidade no destino da humanidade. Nesse sentido, foram particularmente notórias a perspicácia e a frontalidade com que proferiu

o seu Depoimento na Câmara Parlamentar, em Brasília, no qual, entre outros aspectos, defendeu que a Universidade de Brasília fosse uma Escola Normal de Universidades, passando a receber estudantes de todo o Brasil e formando-os para professores das outras universidades. Esse depoimento foi proferido no dia 23 de Maio de 1968.

Sou professor de profissão e tenho tido a oportunidade de leccionar nos diversos níveis de ensino; sou historiador de formação, investigador por crença e por vocação, pois que tomo a investigação como pedagogia; mas, sobretudo, sou aprendiz e leitor por curiosidade, necessidade e opção. Por tudo isto, a obra e a personalidade de Agostinho da Silva são, para mim, uma fonte, um desafio e um estímulo de que me recuso a abdicar. Agostinho é um mestre. A propósito dessa mestria, encontro sentido e tranquilidade nas palavras avisadas de Eduardo Lourenço, que, desvelando «uma espécie de anarquismo profético e radioso» em Agostinho da Silva, afirma que «um tão estremado gosto pela *estaca zero* do humano, uma tão intensa denegação de tudo o que signifique ou pretenda, a que título for, ser tido como *distinto*, como *valioso*» são, afinal, correlatos de um constante apreço pela perfeição humana, de um reconhecimento do longo percurso que a humanidade percorreu e terá de continuar a percorrer no caminho «de uma nova Criação, filha da esperança e aberta como a esperança sobre o futuro em que o homem se descobrirá, ou se descobrirão, ao abdicarem das formas imperfeitas da Lei e da Dor»².

Como leitor, permito-me ressaltar que a principal singularidade da obra de Agostinho da Silva, particularmente no que se refere aos temas da educação e da pedagogia, são a erudição e a mestria na arte de dizer. O discurso de Agostinho da Silva traça o seu próprio roteiro. Seja pela profundidade do pensamento, seja pela diversidade e pela complexidade das fontes, seja pela natureza e pelo tipo de discurso, ou seja, ainda e sobretudo, pela riqueza e pela magnanimidade com que aborda tudo que ao humano respeita, Agostinho da Silva cruza tempos, aproxima espaços, cartografa rotas, recriando informações, ideias e testemunhos. Antes como depois, a escrita é uma verbalização do pensamento pelo que encontra no enunciado, no «conversável», a sua versão mais fecunda. Como recurso discursivo, o enunciado é em Agostinho da Silva uma instância intermédia, compósito de palavras a que confere sentido, numa base sentenciosa, cuja articulação, em longos períodos, se lhe impõe como condição necessária à complexificação da informação, à dialéctica cognoscente e epistémica e, por fim, à argumentação. Assente numa rigorosa selecção da palavra, o

² Eduardo Lourenço. «Prefácio». In Luís Machado. *A última conversa – Agostinho da Silva*. Lisboa: Editorial Notícias, 1996; p. 16.

enunciado confere ordem e inteligibilidade ao pensamento e fornece a chave da leitura. A escrita é basicamente o traslado da verbalização, do conversável e este, sim, é fiel ao pensar.

Nada em Agostinho da Silva é directo, linear ou superficial. Na sua incansável vocação para tudo aprender e para empreender, criar e dizer, tem como método e como horizonte o caminho da perfeição, numa permanente inquietude e ousadia, que nunca toma a ratificação da maioria senão como ponto de partida. Diz-nos Agostinho: «cada um de nós veio para o mundo para viver sua vida que é única, é portanto para ser exemplar, tem que ser ela perfeita, cumprida» (*Depoimento à Comissão*, p. 56). E noutro momento proclamará:

Mas o caminho do perfeito passa pelo imperfeito; e, no imperfeito, a única perfeição que se pode fazer fluir é a de que o expediente de que se alçou mão agrade ao maior número possível de homens e os satisfaça, mesmo que julguemos nós, com ou sem razão, que já poderíamos estabelecer o melhor quando eles se contentam ainda com o rudimentar e o tosco... (*Educação de Portugal, Textos Pedagógicos II*, p. 111).

Toda a obra de Agostinho da Silva se centra no humano, sua história e seu desígnio. Não obstante os longos séculos de história percorridos pelo Ocidente, cujo sentido positivo Agostinho não cessa de reconhecer, e ainda que admita existir alternativa, o humano continua por cumprir. Afirmou ele em *Educação de Portugal*: «Creio que o mundo em nada nos melhora, que nascemos estrelas de ímpar brilho, o que quer dizer, por um lado, que nada na vida vale o homem que somos, por outro lado que homem algum pode substituir a outro homem» (*Educação de Portugal. Textos Pedagógicos II*, p. 8). Mas o desígnio do humano pode continuar comprometido, pois que, adianta:

(...) o que a vida tem feito dos homens tomados no seu conjunto, e fora o reduzido exemplo de algum grupo que mais conseguiu furtar-se a exigências sociais, tem sido pervertê-los, aguçando-os para a batalha, pondo-lhes a concorrência como uma virtude e o triunfo sobre os outros como uma marca de especial favor de Deus; tem ajudado muita gente a prelibar prazeres do céu o ir supondo desde agora que há contemporâneos seus já votados aos tratos dos diabos (*Ibidem*).

A denúncia está feita, o diagnóstico também. Ou seja, a natureza é pura, a educação enquanto fruto da sociedade mutila, corrompe, abre caminho ao vício. Mas se no destino do homem está «o império da criança», não se trata de uma regressão e da apologia do arcaico e de um qualquer primitivismo; bem pelo contrário, Agostinho da Silva coloca nesta expressão o seguinte e importantíssimo alerta:

(...) é à criança que temos de considerar o bom selvagem, estragando-a, deformando-a, inutilizando-a o menos que nos seja possível, defendendo o seu tesouro de sonho, jogo e criação, a sua espontaneidade e a sua malícia sem maldade, o seu entendimento sem análise e o seu amar do mundo sem a preocupação das sínteses (...). [Porque a educação é tudo] e não poderá ser mais do que o fornecer a cada um tudo o que solicite para que a sua pessoa se possa desenvolver e afirmar ... (Educação de Portugal. *Textos Pedagógicos II*, pp. 91-94).

É face à excelência da natureza humana, que em tudo se tem cumprido apenas pelo mínimo e pelo limiar da sobrevivência, que Agostinho não se cansa de denunciar que a sociedade, e nela a educação, «ajudando o homem a sobreviver, o tem limitado, e muito, no melhor, que é o seu ser livre» (Educação de Portugal. *Textos Pedagógicos II*, p. 94). Quem são as elites? – interpela-nos Agostinho. Elas são fruto de uma alfabetização, de uma escolarização e de uma experiência histórica. Mas quem são as elites face ao que falta fazer em abono da magnanimidade do humano? É na resposta a esta pergunta que ganharia legitimidade e sentido a tomada de decisão sobre a alfabetização do povo. Educação é, para Agostinho da Silva, «o poder expressar-se em acto o que o povo é já, mas em potência, apenas; em potência e melancólico silêncio» (*Idem*, p. 128).

No texto que foi publicado como a sua *última conversa*, Agostinho da Silva insistia:

Alfabetizar hoje uma pessoa não é apenas mostrar-lhe como se escreve isto ou aquilo. Curiosamente, foi uma coisa que só descobri em mim há pouco tempo. Estava a ler um artigo sobre a Lua e o autor explicava por que é que há Lua Nova. Eu nunca tinha pensado naquilo. Eu era analfabeto em Lua Nova.

Por isso, agora, não é preciso alfabetizar as pessoas. Agora era apenas preciso vir um homem e dizer assim: essa coisa do satélite português que foi

para o ar, como é que trabalha? Então eu explico-lhe como é que é, e ele fica alfabetizado para o importante, que no fundo é perceber o mundo actual e o mundo em que vivemos. Escrever, só se escreve algum tempo depois de ter acontecido na história³.

É que, mais que estarmos sempre a aprender, assinala Agostinho da Silva, «temos, sobretudo, de aprender duas coisas: aprender o extraordinário que é o mundo e aprender a ser bastante largo por dentro, para o mundo todo poder entrar»⁴.

A educação é o meio e a chave. Mas como dizê-la e como fazê-la? Evitando o reducionismo das expressões e o apriorismo dos princípios, Agostinho da Silva entende que a educação se inscreve numa filosofia e numa pedagogia. Se para fazê-la há método, há meios e técnicas, para dizê-la, falar dela, trazê-la com plena propriedade ao centro dos destinos dos homens e das sociedades, mesmo que tomadas como pátrias, Agostinho da Silva, sábia e esclarecidamente, fá-lo de forma indirecta. Por um lado, socorre-se da ironia e povoa o seu discurso de paradoxos. Por outro lado, criou uma enciclopédia de base filosófica e pedagógica, dando a palavra aos educadores e mentores, legitimados pela ciência e pela experiência. Assim, entre 1933 e 1941, publicou um conjunto de obras, com o qual, através de alguns nomes fundamentais (Montaigne, Pestalozzi, Montessori, Washburne, Sanderson, Parkhurst, Baden-Powell), acabou por apresentar e divulgar a sua própria pedagogia.

Logo de partida, Montaigne, propugnando que ser sábio é saber mais e melhor. Com base em Montaigne, Agostinho da Silva estabelece uma diferenciação, mas também a consequente articulação, entre escolástica e ciência – articulação esta que está na base da inteligência humana, como comprova o percurso científico de Montaigne, que acabou a sua vida centrado na medicina. Para modelo como educador recuperou Pestalozzi, a quem reconheceu o «amor pedagógico» e a coragem para valorizar o trabalho como pedagogia e como meio legítimo para retirar as crianças da fome. E se em Montessori viu um método pedagógico que, ao assegurar o primado do respeito pela «personalidade infantil» e o de que «toda a educação verdadeira e sólida é uma auto-educação» (*Textos Pedagógicos I*, p. 199), pode ser aplicado em diferentes locais e culturas, não deixa, no entanto, Agostinho da Silva de tecer críticas ao perigo de normalização e a um relativo afastamento do mundo, que subjazem à pedagogia montessoriana.

³ In Luís Machado. *A última conversa – Agostinho da Silva*. Lisboa: Editorial Notícias, 1996; p. 95.

⁴ Machado, *op. cit.*, p. 95.

É nas Escolas de Winnetka que Agostinho da Silva encontra uma alternativa pedagógica e didáctica verdadeiramente inovadoras. Praticando uma pedagogia aberta ao progresso, integrada no meio-ambiente, tomando o conhecimento da realidade como base, a experiência escolar, assente num material pedagógico de auto-instrução e de autocorreção, era também uma oportunidade para reforçar a ligação entre a escola e o mundo, incidindo sobre o que Washburne, seu principal mentor, designava de *common essentials*, ou seja «tudo o que se torna absolutamente necessário para que um homem se possa entender com outros homens» (*Textos Pedagógicos I*, p. 239). Rompendo com a tradição escolástica, este sistema, assumidamente pragmático, não se quedava, contudo, no cumprimento de um programa mínimo, posto que o tratamento de cada rubrica didáctica encaminhava para a biblioteca e para outros meios de exploração e aprofundamento do conhecimento. Analisando a vida e a acção de Sanderson à frente das Escolas de Oundle, Agostinho apreciou, entre outros aspectos, a visão científica do mundo, a noção de que a Humanidade adulta pode continuar a progredir na sua organização, e colocou frontalmente o papel dos políticos, dos grandes chefes da indústria, enfim, das elites. Sobre estas fez recair a missão de «apóstolos de uma nova ordem» (*Idem*, p. 267), porque não deve o escol começar pela acção política, mas sim por preparar a reforma política:

(...) fazer surgir na alma dos homens uma atitude nova, da preocupação intelectual e moral ... o grande renovador não é o que deixa atrás de si uma obra em linhas rígidas e definidas: é o que pôs os espíritos num ângulo novo frente à vida, o que lhes fez aparecer a uma luz diferente o mundo em torno» (*Idem, ibidem*).

Tudo em Agostinho da Silva converge para uma valorização da escola e para uma ligação da escola ao mundo: é o mundo que penetra na escola e é a escola que se dirige ao mundo, como assinala, comentando o modelo da escola laboratório criado pelo Plano de Dalton, da autoria de Miss Parkurst. É ainda esta diferenciação/ ligação entre a escola e a vida que mais o entusiasma quando comenta o pensamento e a acção de Baden-Powell, através do qual Agostinho dá a conhecer as suas próprias convicções, designadamente:

- a) verdadeiramente é a vida que educa, e se a vida educa pelo trabalho, então o que verdadeiramente é educativo na escola não é o exame, por mais duro e difícil que o seja, mas o trabalho preparatório do mesmo;

- b) a educação deve ser dura, pelo que «ensinar meninos de maneira fácil, fazer rir meninos quando aprendem aritmética ou geografia é das coisas mais absurdas que podem existir no mundo» (*Textos Pedagógicos II*, p. 30);
- c) a vida só pode educar para a vida e pela vida, na medida em que a ela nos lançarmos (*Idem*, p. 32).

Eis um programa pedagógico, que alguns estudiosos pretendem essencialmente andragógico, outros social, outros político, apresentado através de um olhar hermenêutico e crítico. Mas necessariamente um programa com vista ao futuro, ao Quinto Império, esse sem o qual «o acto de viver era inútil. Para quê viver se não achássemos que o futuro vai trazer-nos uma solução que cure os problemas das sociedades de hoje?», dirá Agostinho na sua (*A última conversa* (p.99). É o homem de hoje que traça as rotas desse novo mundo. Este é o seu verdadeiro comprometimento. Este é o seu verdadeiro motivo de inquietude, fundado na mesma crença que moveu António Vieira, que lhe «chamou Quinto Império não para dizer que era depois do Quarto, mas sim para dizer é que não havia um sexto» (*A última conversa*, p. 97). Porque, afinal, estamos mergulhados no tempo, o que construímos é parte desse império, ainda que no caso português pareça haver sempre uma forte carga de provisoriedade. Como bem admitiu Agostinho da Silva,

(...) eu suponho que a coisa fundamental de Portugal não é esse trabalho de síntese, não é esse trabalho de juntar pedras até construir um edifício. É uma capacidade de já ver feito o edifício que devia haver e fazer os outros todos como uma tentativa provisória para se chegar a esse edifício (*Vida Conversável*, p. 12).

Que fazer então? A cada um de nós, tomado como pessoa, «o que há é cada pessoa ver-se exactamente como é, sem humildade nem orgulho, simplesmente como é, procurar realizar aquilo que sente lá dentro que tem de realizar, que tem de fazer, tomando cuidado com os obstáculos exteriores, tal como o homem que guia um automóvel» (*Vida Conversável*, p. 178).

Para o que se refere a Portugal, no seu todo, traçou Agostinho da Silva, ainda antes da Revolução Democrática (mas muito provavelmente quando o rumo de Portugal Colonial estava já definitivamente comprometido), um duro e ambicioso programa de educação, que expôs na obra *Educação de Portugal*. Uma vez mais, é um programa dito com recurso a uma extraordinária erudição, apresentado como quem conta um conto a propósito de cada item. Tais narrativas funcionam como base de argumentação e como forma de perspectivar um longo e crítico olhar sobre a História Humana enquanto percurso. Não cabe aqui resumir este programa, mas não posso deixar de relevar que, entre outros aspectos, ele percorre toda a educação e que, mais de trinta anos passados sobre a sua redacção – trinta anos marcados por uma gesta inaudita na história da educação em Portugal, as zonas problemáticas são precisamente as mesmas: alfabetização e leitura; ensino universitário; ensino técnico de terceiro grau; ensino secundário. Mas não apenas as questões são as mesmas, como grande parte das razões da crise se repetem.

Esse Portugal agostiniano só em parte se cumpriu não obstante o ritmo e a radicalidade das transformações das décadas recentes. De novo a Escola e a Educação voltaram à *Agora*, como matéria de debate – o que é fundamental, o que é sintoma de inquietação, de construção, de projecção, mas não se desgastem, uma vez mais, as energias, as vontades e as crenças nesse cíclico e interminável ajuste de contas, empunhando candeias em busca dos heróis e erigindo cadafalsos para os culpados. A nobreza da causa, no horizonte da qual estão os destinos da sociedade e da cultura portuguesas, assim o exige.

Agostinho da Silva tinha já acumulado uma vasta experiência de professor universitário, no Brasil, colhida na Universidade Federal da Paraíba e na Universidade Federal de Santa Catarina, quando, em 23 de Maio de 1968, compareceu perante a Comissão Parlamentar de Inquérito, destinada a investigar, entre outros assuntos, a estrutura do sistema de ensino superior no Brasil, que abrangia universidades federais, estaduais, particulares. A crise em que estava mergulhada a universidade não era exclusiva do Brasil, era mundial. Numa primeira exposição, Agostinho da Silva resumiu os principais aspectos da história e da função da Universidade actual, herdeira da Universidade medieval. Nessa evolução, salientou a ideia de Universo, que vinha já dos Gregos, a que foi associada a de Fraternidade, gerada na «Revolução Cristã». Com a evolução humana e capitalista dos séculos XV e XVI, a Universidade foi tomando forma e voltou-se para a criatividade e para o aprender, pelo que adiantava:

(...) o problema que se põe hoje exactamente porque as técnicas avançaram o bastante para dar maior liberdade de criação ao homem; o que se põe hoje é o problema da organização de um ensino superior em que o problema não seja o da disciplina ou o da contenção, ou o do aprendizado daquilo que já se sabe, mas sobretudo da criação, mas sobretudo da descoberta daquilo que ainda não se sabe. O esforço de criação do mundo (Depoimento. *Textos Pedagógicos II*, p. 35).

Para cumprir a sua missão de criatividade, a Universidade não pode ater-se à formação de técnicos, por mais excelentes que sejam, mas à formação de homens, à medida do seu país e alicerçados no seu tempo. Se houve um boa Universidade inglesa, ela foi alicerçada na Revolução Industrial. Se houve uma boa Universidade alemã, ela ficou ligada à Alemanha que antes da Primeira Guerra era a principal potência industrial. De igual modo, a Universidade dos Estados Unidos da América se enraíza numa estrutura económica que lhe é específica. A Universidade brasileira não pode importar modelos que se prendam a outras economias e a estádios de desenvolvimento e de educação, que não são os seus. Assim, Agostinho da Silva ajuizava:

(...) o Brasil só pode ter uma Universidade que corresponda à sua estrutura económica, sua estrutura psicológica, temos que ter a paciência de ir avançando com honestidade, como devemos ter a paciência de ir avançando com o país até atingir um desenvolvimento que não creio, seja apenas, e que seja sobretudo, um desenvolvimento de carácter económico, a economia apenas deve aparelhar como estrutura de base e nada mais; o Brasil não tem que se preocupar com o desenvolvimento em si mesmo, tem de se preocupar com o desenvolvimento na medida em que ele permite uma livre acção do homem e portanto a missão essencial do Brasil é pensar qual a missão desse homem no mundo; problema em que não [se] está pensando praticamente em nenhum país assoberbado por outras espécies de problemas (*Idem*, p. 39)

O Brasil tinha vindo a fundar universidades, universidades de diversos tipos e estruturas, e muitas das quais tinham vindo a fazer o seu caminho, aprendendo com os próprios erros, como exemplifica com o caso da Universidade de Paraíba e da Universidade de Santa Catarina. E é neste ponto que Agostinho da Silva é peremptório.

Cada escola que se abre é verdadeiramente um benefício para o Brasil; simplesmente esse benefício se podia tornar maior se houvesse aqui uma Escola Normal de Universidades, se realmente a Universidade de Brasília pudesse realizar a sua missão de preparar esse pessoal». Finalmente, se pudesse realizar a outra missão de integração nacional que estava programada como sendo o fazer frequentar a Universidade de Brasília alunos que viessem de todos os Estados do Brasil por concursos locais. (Depoimento. *Textos Pedagógicos II*, pp. 40-41)

Prossegue o depoimento, manifestando a sua preocupação com os desmembramento das Faculdade de Filosofia, que congregavam o latim com a Física Nuclear, a Matemática e o Francês, a Filosofia e a História, estabelecendo uma unidade entre o que se aprendia e um contacto mais íntimo entre os homens que ensinavam e os que estudavam, pondo o Brasil à frente de muitas nações. Defende que a universidade deve ser livre e estar ao alcance de todos os extractos sociais, porque «não podemos renovar o nosso quadro de professores enquanto os recursos humanos que dispomos sejam recursos restritos, circunscritos, ou uma classe que tenha meios económicos» (*Idem*, p. 43). A Universidade brasileira não terá de acertar-se por outras, mas encontrar o seu próprio tempo, servida por professores, que tenham «capacidade de estudo (...) capacidade de comunicação desse estudo e de se manter em termos humanos e se manter na comunidade que tem que ser fundamentalmente humana» (*Idem*, p. 68). O aluno ao entrar na Universidade deveria passar primeiro pela Faculdade de Filosofia para aprender a «ser pensante reflectido», seguindo depois para Medicina, Química ou para a formação técnica em Engenharia (*Idem*, p. 86).

O problema da reforma da Universidade, que tem na investigação uma das mais nobres funções, não podia ser equacionado de forma isolada. Não se tratava de importar o que fosse tomado por melhor modelo, mas de o Brasil se «encontrar a si próprio e de ter a audácia, a coragem de agir na direcção em que deve agir» (Depoimento. *Textos Pedagógicos II*, p.71). A universidade tem de ser pensada também no quadro da educação, pelo que, Agostinho da Silva defendia que a existência da Escola Técnica e da Universidade tinham funções bem demarcadas. A primeira tinha por missão preparar o exército de técnicos para assegurar a seus povos uma economia, uma engenharia, uma medicina, um professorado, um corpo jurídico (v.

Educação de Portugal. *Textos Pedagógicos II*, p 127); a segunda, a Universidade, que nada teria a ver com a Escola Técnica,

mas, com a gente que esta tivesse formado e se interessasse por tal domínio de pesquisa e com os autodidactas a quem se não pediria papel algum, repensaria, através do essencial de suas especialidades, o pensamento ou a vivência do povo» (*Idem*, p. 129).

Mas o grande desígnio de Agostinho da Silva é o resgate da humanidade e, nesse sentido, gostaria de concluir, desejando que continuem messiânicas estas suas palavras:

Todas as esperanças nos são abertas; os avanços tecnológicos estão ao nosso dispor e para o único fim em que serão úteis; para nos darem tempo livre; talvez, durante alguns séculos ainda, tempo livre para criarmos matemática ou poesia ou pintura; depois, tempo livre já mais certo, que é o de vermos a matemática ou a poesia e a pintura como existindo no mundo à volta com mais plenitude do que em nossas equações, versos e quadros, dispensando a existência dos artistas, que terão sido apenas meios de comunicação da beleza para quem ainda não podia ver directamente; e afinal, na idade melhor, sendo nós próprios matemática, poesia e pintura, vivendo arte e ciência, e, por viver, as criando (...) só então haverá Paraíso (Educação de Portugal. *Textos Pedagógicos II*, p. 126).

Referências

SILVA, Agostinho da. *Vida Conversável*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1994.

----- *Textos Pedagógicos I*. Lisboa: Âncora Editora, 2000.

----- *Textos Pedagógicos II*. Lisboa: Âncora Editora, 2000.

Agostinho da Silva: A Universidade de Brasília como Escola Normal das Universidades

Justino Magalhães⁵

Resumo

A obra do filósofo e pedagogo, Agostinho da Silva, é educacional, na sua essência e assenta numa mesma matriz conceptual. Perpassa-a um mesmo sentido: o do compromisso com a vida, com a humanidade, com a pessoa.

Em Agostinho da Silva, o humanismo e o universalismo são acentuados pela singularidade na arte de dizer e fazer educação. Salientarei estes aspectos, fazendo convergir o olhar para o depoimento que, em 1968, proferiu na Câmara Parlamentar, em Brasília. Defendeu que a Universidade de Brasília fosse uma Escola Normal de Universidades, recebendo estudantes de todo o Brasil e formando-os para professores das outras universidades.

Palavras-chave: Agostinho da Silva; Pedagogia; Educação; Universidade.

⁵ Professor Catedrático na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

